

Maior, mais rápido, mais alto: Rio de Janeiro e São Paulo, duas cidades superlativas nas revistas de arquitetura de língua alemã dos anos quarenta e cinquenta do século XX

Márcio Correia Campos

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - UFBA

Rua Caetano Moura, 121, Federação

Salvador, Bahia

40.210-350

Endereço particular: Rua Prof. Severo Pessoa, 59-E, Edf. Lígia, apt. 202, Federação

Salvador, Bahia

40.210-700

marcioccampos@hotmail.com

O ritmo frenético de crescimento das cidades brasileiras nos quinze anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial não foi deixado de lado pelas revistas de arquitetura de língua alemã. Rio de Janeiro e São Paulo são descritas por estes periódicos como grandes canteiros de obra, alucinantemente verticalizadas para fornecer espaço a um crescimento demográfico aceleradíssimo, onde são construídos edifícios que têm como uma das características principais o seu tamanho colossal. Acompanhada de outros elementos, como a idéia de cidades construídas no meio da floresta ou marcadas por uma insegurança que faz os seus habitantes morarem em arranha-céus, esta imagem das cidades brasileiras por um lado não deixa de ser levada em consideração como um modelo possível de ser incorporado ao debate arquitetônico europeu à época, por outro pode ser entendida como índice de integração de alguns de seus autores na sociedade brasileira.

Rio de Janeiro – São Paulo – Revistas de arquitetura de língua alemã

Nas reportagens publicadas nas revistas de arquitetura de língua alemã nos anos quarenta e cinquenta é recorrente um reconhecimento de uma desinformação básica sobre a produção arquitetônica brasileira. Com este espírito são apresentados vários edifícios construídos no Brasil na série de reportagens assinadas por Hans Schoszberger em *Bauwelt* e intitulada "Um olhar para além das fronteiras", é aberta a reportagem também de 1950 publicada na revista *Werk* sobre o edifício da Sotreq dos irmãos Roberto ou ainda o comentário de 1952 da revista

Bauwelt sobre o especial da francesa *L'architecture d'aujourd'hui*, que afirma que na Alemanha "não se tem nem uma mínima idéia sobre a arquitetura brasileira"¹.

Desta forma, com uma estratégia de contextualização, que ao mesmo tempo serve de auxílio à compreensão de uma arquitetura quase sempre apresentada como peculiar ou até mesmo extravagante, surge publicada neste período uma série de grandes panoramas sobre o país. Estes incluem descrições dos maiores centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que com raras exceções² dominam absolutamente nas reportagens sobre a produção brasileira de arquitetura até o início do processo de projeto e construção de Brasília.

Assim, relatos onde o Brasil aparece como um lugar sem os problemas da destruição pela guerra e onde as possibilidades pareciam ilimitadas, encontram grandes espaços nos primeiros anos do pós-guerra nas revistas de arquitetura e são com frequência especialmente apresentados pelos editores. O artigo que Karl Freckmann escreve para a revista *Baumeister* em 1947 corresponde exatamente a este tipo de relato. Freckmann, um arquiteto alemão que chegou ao Brasil fugindo da Alemanha nazista, discorre sobre uma série de assuntos, que vão do clima às condições de trabalho, passando pela qualidade de ruas e estradas. Para ele, a arquitetura das cidades brasileiras tende a abandonar o que ele chama de ultra-moderno - e com isso ele tem em mente o edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro - e assumir um estilo historicizante, para ele grandiosamente exemplificado pelo Ministério das Finanças. Freckmann chama a atenção para "os edifícios com 12, 14 e até 18 andares destinados para uso habitacional, o que faz Copacabana parecer monótona e sem expressão"³. Como razões para esta solução urbana, Freckmann aponta a falta de áreas para construção e a maior segurança individual oferecida pelo edifício de apartamentos em relação a casa unifamiliar. A imagem de Rio de Janeiro e São Paulo como cidades perigosas remonta dessa maneira pelo menos a finais da década de quarenta, apresentando assim uma história de mais de cinquenta anos, e reaparece já em 1951 em artigo de Günther Paulus na revista *Bauwelt*, no qual ele apresenta projetos de residências realizados por ele em São Paulo e atribui aos altos índices de insegurança o fato de as janelas estarem gradeadas, o que pode ser visto nas fotos que acompanham a reportagem⁴.

¹ *Bauwelt* 12, 21, 27, 34, 36, 38, 48/1950 e 52/1952; *Werk* 6/1950 in Campos, Márcio Correia. *Objekt Nr. 14. Das Bild*, Wien, 1999, p. 88-89.

² As duas reportagens publicadas na revista *Schweizerische Bauzeitung* em 1955 por F. Stüssi, um professor da E.T.H. de Zurique que foi convidado para dar aulas na USP, incluem também referências a outras cidades brasileiras, como Salvador e Recife.

³ *Baumeister* 7/8/1947 in Campos, Márcio Correia. *Objekt Nr. 14. Das Bild*, Wien, 1999, p. 89-90.

⁴ *Bauwelt*, 31/1951 in Campos, Márcio Correia. *Objekt Nr. 14. Das Bild*, Wien, 1999, p. 89-90.

Outras imagens, mais antigas e hoje ainda presentes no imaginário comum do estrangeiro, também podem ser encontradas nas páginas das revistas de arquitetura de língua alemã, como, por exemplo, a de que "havendo condições favoráveis, até grandes cidades com distritos industriais, como Rio de Janeiro, Santos ou São Paulo, surgiram onde antes havia somente a floresta"⁵. Esta imagem encontra uma situação perfeita para ser novamente ativada quando da construção de Brasília, estando presente, por exemplo, no artigo publicado em *Bauwelt* em 1957 onde a região da nova capital não só estaria no meio da floresta senão também ainda na idade da pedra⁶.

Vale lembrar ainda que na direção contrária do efeito contextualizante que as informações sobre as cidades brasileiras pudessem ter sobre a apresentação dos edifícios em particular, Rio de Janeiro e São Paulo deveriam também ser imaginadas pelo leitor como cidades extraordinárias, o lugar urbano onde eram construídos os edifícios de Oscar Niemeyer, dos irmãos Roberto, de Rino Levi e de Afonso Riedy, entre outros, sempre apresentados como realizações de uma liberdade formal tão intensa - fala-se de "idéias originais, formas vivas, arquiteturas flutuantes, extravagâncias sem fronteiras"⁷ - que dificilmente levaria a uma imagem próxima à das cidades européias.

Com grande frequência surge porém em muitas reportagens sobre a arquitetura brasileira uma representação vertiginosa da força motora do Rio de Janeiro e São Paulo nestes quinze anos que se seguem à Segunda Guerra Mundial. Na abertura do seu grande panorama sobre o Brasil, Karl Freckmann afirma em 1947 a existência de "um desenvolvimento fantástico em matéria de construção"⁸ no país. O tamanho e o crescimento rápido das duas cidades, o grande número e a altura dos arranha-céus são nesta época uma parte constante da imagem do Brasil e da sua arquitetura. Já em 1953 a revista *Bauwelt* comenta que "São Paulo e Rio de Janeiro tornaram-se cidades do mundo, deixando para trás muitas metrópoles européias"⁹.

Em maio de 1950 a revista *Schweizerische Bauzeitung* publicou uma reportagem sobre a demolição do Morro de Santo Antonio no Rio de Janeiro, que tanto produziria 5.000.000 m³ de material para o alargamento do porto, como ofereceria lugar para "ruas de alta velocidade, um edifício de apartamentos com doze andares e oitocentos metros de comprimento, assim

⁵ Schweizerische Bauzeitung, 14/1941 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 75.

⁶ *Bauwelt*, 44/1957 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 137-138.

⁷ Campos, Márcio Correia. Das Bild....., Wien, 1999, p. 83-85.

⁸ Baumeister 7/8/1947 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 96.

⁹ *Bauwelt* 31/1953 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 97.

como doze edifícios para escritórios, cada um com 30 andares"¹⁰, numa ênfase retórica às dimensões excepcionalmente grandes do empreendimento, ênfase esta comum praticamente a todos os textos que trataram das duas maiores cidades brasileiras. Mas, no que diz respeito ao Rio de Janeiro, as atenções principais das revistas de língua alemã dirigiam-se para dois temas em especial: os arranha-céus da cidade, principalmente os da Avenida Getúlio Vargas, e o Maracanã, que este ano completa cinquenta anos.

Heinz Haehnel escreve em 1950 para a revista *Österreichische Bauzeitung* sobre os "arranha-céus, todos com 23 andares de altura", que eram o elemento principal de um projeto "que iria elevar para o mundo o nome do Rio de Janeiro, ainda mais do que já era, à categoria de Gigante"¹¹. Em 1956, Karl Freckmann descreve de maneira bem detalhada, em reportagem intitulada "Arranha-céus no Rio" e publicada na revista *Baumeister*, os edifícios da Avenida Presidente Vargas informando dimensões, materiais e as regulamentações de construção, assim como o ordenamento espacial, a dependência total da energia elétrica para o seu funcionamento, em função dos elevadores, as conseqüências para o micro-clima, para o trânsito e para o desenvolvimento urbano, sem deixar de observar que "assim o centro da cidade esvazia-se cada vez mais"¹². Henri Niesz narra nas páginas da revista *Schweizerische Bauzeitung* em 1955 o seu retorno, após 25 anos, ao Rio de Janeiro e constata que "a cidade foi completa e igualmente reconstruída. O centro está formado por arranha-céus de 20 a 30 andares. O edifício, que há 25 anos era desconhecido, hoje se espalha até pelos bairros mais distantes". No final do seu texto, Niesz assinala que "estas condições de pura dinâmica são extremamente difíceis para a compreensão de um europeu ocidental, ainda menos, para um suíço, acostumado a um desenvolvimento calmo e contínuo"¹³. E, em 1954, a revista *Allgemeine Bauzeitung* informa que os preços dos terrenos no Rio de Janeiro "já atingiram as mesmas alturas que os de Nova York", o que consiste numa comparação com um interessante duplo sentido, já que se fala em seguida de "enormes arranha-céus"¹⁴ na cidade brasileira.

No que se refere ao Maracanã, Hans Schoszberger é o primeiro a tratar dele, ainda em 1950, comentando que o estádio é um dos três maiores do mundo. Nos textos subsequentes que tratam do edifício, a capacidade total, sempre informada como indicador do tamanho do

¹⁰ Schweizerische Bauzeitung 18/1950 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 97.

¹¹ Österreichische Bauzeitung 29/1950 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 97.

¹² Baumeister 5/1956 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 97.

¹³ Schweizerische Bauzeitung 18/1955 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 98.

¹⁴ Allgemeine Bauzeitung 394/1954 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 98.

estádio, varia bastante: em 1953, nas páginas da revista *Werk*, Giedion fala de 150.000 espectadores, Stuessi no mesmo ano refere-se a 200.000 em um dos seus artigos para a *Schweizerische Bauzeitung*, enquanto que Friedrich Baravalle cita a cifra de 155.000, informando para efeitos de comparação que o estádio de Viena tem capacidade de 66.000 espectadores¹⁵. Mas é a revista *Schweizerische Bauzeitung* que em 1951 irá se ocupar detalhadamente do Maracanã, publicando uma grande reportagem de seis páginas. A razão para tal interesse, explicitada no próprio texto, reside no fato de que à época acontecia o concurso para o novo estádio de Zurique e ao mesmo tempo estavam sendo construídos vários outros em diferentes cidades suíças, "ainda que nenhum destes possa ser comparado com o gigantesco estádio municipal do Rio de Janeiro"¹⁶. A reportagem trata de todos os detalhes do edifício: da construção ao sistema de circulação interna, da extraordinariamente pequena altura do estádio até as cabines para as transmissões de rádio.

Mas nada atraiu a atenção para si como a imagem urbana da cidade de São Paulo. Karl Freckmann ressalta já em 1947 que São Paulo "na condição de maior cidade industrial da América do Sul cresce num ritmo febril, alucinante; em 20 anos a sua população duplicou e em 1960 terá superado o Rio de Janeiro"¹⁷. Adolf Braunschweig mostra-se bastante impressionado ao escrever em 1952 para a revista *Bauwelt* sobre "São Paulo, com o seu crescimento de tirar o fôlego, que se manifesta em inúmeros arranha-céus". Ele comenta ainda o crescimento do número de habitantes de 65.000 em 1890 para 2 milhões e 250 mil em 1950, voltando então aos arranha-céus: "Edifícios modernos são demolidos para dar lugar a arranha-céus ainda maiores! [...] De acordo com cálculos americanos, no ano de 1950 foi construída uma casa nova a cada 50 minutos em São Paulo"¹⁸. Um ano mais tarde Günther Paulus escreve para a mesma revista *Bauwelt* um artigo inteiro sobre o tema, intitulado "Construção de edifícios altos em São Paulo". De acordo com este artigo "O centro da cidade em geral já está tomado por construções de 10 ou mais andares. [...] Não resta outra alternativa, senão a de construir cada vez mais alto". Assim, ele tenta ilustrar a excepcional atividade de construção na cidade com os dados relativos ao ano de 1949: "em 1949 foram concedidas 23.998 autorizações de construção, correspondentes a 1.010.122 metros quadrados" e fala de "um ritmo grande, que pulsa na enorme atividade de construção"¹⁹. Apenas dois anos antes

¹⁵ Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 98-99.

¹⁶ Schweizerische Bauzeitung 45/1951 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 99.

¹⁷ Baumeister 7/8/1947 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 99.

¹⁸ Bauwelt 52/1952 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 99.

¹⁹ Bauwelt 12/1953 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 100.

desta reportagem, Franz Bastian informava nas páginas de *Bauen und Wohnen* que "a construção dos esqueletos de concreto armado para edifícios de dez a vinte andares cada vez mais comprimia as casas de dois andares"²⁰. A revista *Allgemeine Bauzeitung* traz em reportagem de 1954 ainda mais adjetivos: "São Paulo cresceu terrivelmente rápido, a população se tornou dez vezes maior nos últimos trinta anos e se aproxima do terceiro milhão. [...] Se se compara este crescimento com o de outras cidades, então se pode ver que São Paulo cresce com o dobro da velocidade de Buenos Aires e 13 vezes mais rápido que Nova York. A velocidade de construção é altíssima, só em 1953 foram construídas 399.000 unidades habitacionais"²¹.

Stüssi, que escreveu para a *Schweizerische Bauzeitung* em 1953 duas grandes reportagens intituladas "Impressões do Brasil", afirma que "São Paulo é hoje entre as cidades do mundo aquela cuja população cresce mais rapidamente". Para comprovar essa afirmação, ele apresenta os números populacionais até 1950, acrescentando que "a cidade hoje já deve contar com 3 milhões de habitantes". Em seguida ele noticia sobre a "intensiva atividade de construção", citando a estatística de 1953, segundo a qual "em cada hora 5 novas casas ficam prontas", sem deixar de acrescentar que "a maioria destas casas é formada por edifícios de vários andares, quase que exclusivamente em concreto armado"²². Diferente das outras notícias, a reportagem de Stüssi traz quatro fotos do centro da cidade, que visualizam para o leitor os arranha-céus do centro e de áreas não tão centrais.

Stüssi cita ainda o mais alto arranha-céu da cidade, a sede do Banespa, com 36 andares e que pode ser visto ao lado de outros edifícios nas fotos que acompanham sua reportagem. E foi a mesma revista *Schweizerische Bauzeitung* que já em 1948 noticiou sobre o edifício: "A sede do Banco do Estado de São Paulo, no Brasil, é com 154 metros de altura o edifício mais alto do mundo construído em concreto armado"²³, complementando então com comentários sobre os detalhes construtivos. Em 1957, a revista *Österreichische Bauzeitung* informava que a sede do Banespa deixava de ser o edifício em concreto armado mais alto do mundo cedendo este título a um outro a ser construído na mesma cidade de São Paulo, "o centro de construção da América do Sul", ainda que a altura indicada não seria suficiente para alcançar o novo recorde: "o edifício Itália, que deve ficar pronto até 1960. Ele terá quarenta e cinco andares e

²⁰ *Bauen und Wohnen* 7/1951 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 100.

²¹ *Allgemeine Bauzeitung* 423/1954 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 100.

²² *Schweizerische Bauzeitung* 19/1955 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 100.

²³ *Schweizerische Bauzeitung*, 46/1948 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 101.

alcançará uma altura de 135 metros. [...] Para a construção do edifício serão necessários cerca de 13.000 metros cúbicos de concreto e mais de 1.500 toneladas de aço"²⁴. No mesmo ano, H. R. Möller escreve nas páginas de *Bauwelt* que São Paulo é "a cidade que cresce mais rapidamente no mundo; é a quarta maior das Américas e a décima-primeira maior do mundo". O entusiasmo de Möller não conhece limites: São Paulo seria mais moderna que as já históricas Nova York e Chicago e o seu Skyline "tem efetivamente uma dinâmica tal, que não se encontra mais nos Estados Unidos"²⁵.

Aquilo que o caso do Maracanã torna explícito, pode ser estendido a todo o olhar sobre a produção arquitetônica e as cidades brasileiras: o momento histórico do pós-guerra caracteriza a Europa, especialmente a Central, como uma região não mais tão certa de sua centralidade absoluta e que busca, na tentativa de definir para si novas diretrizes, investigar diferentes possibilidades ou modelos a serem adotados na reconstrução de suas cidades ou em novas soluções de seus edifícios. Neste momento, a ascensão da arquitetura brasileira no cenário internacional coincide exatamente com o início da crise do Movimento Moderno.

Se a arquitetura do maior estádio do mundo era a referência maior para a construção de estádios na Suíça, não desempenhavam função diferente, por exemplo, o olhar de Freckmann e a expectativa dos seus leitores quanto ao comentário sobre o uso de arranha-céus para habitação ou sobre o desenho urbano da Av. Getúlio Vargas como reordenamento do centro do Rio. Cidades que "efetivamente teriam deixado Nova Iorque ou Chicago para trás" ofereciam realmente modelos para o debate arquitetônico no velho continente.

Assim, o interesse nos anos quarenta e cinquenta pela região onde naquele momento se identificava o maior pólo de construção do mundo corresponde em certa medida ao interesse recente, nos últimos 15 anos, dos arquitetos europeus pelas cidades da China e do sudeste asiático, demonstrado nos inúmeros debates e exposições, justamente pelos mesmos motivos de ser o lugar de maior atividade de construção.

Por outro lado, a principal imagem das cidades brasileiras transmitida nas páginas das revistas de língua alemã dos anos quarenta e cinquenta coincide com um dos elementos básicos da imagem própria que temos do Brasil: o Gigante repleto de superlativos. O que se relatou sobre o Rio de Janeiro ou São Paulo corresponde neste sentido ao modo com o qual estamos habituados a falar da área do país, do número de habitantes das suas metrópoles, das milhares de toneladas de determinados produtos que colocam o país nos primeiros lugares de rankings

²⁴ Österreichische Bauzeitung 1/1957 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 101.

econômicos, da maior concentração de renda ou maior número de cáries ou de abortos do mundo, ou do número de títulos conquistados em campeonatos mundiais de futebol. Estrangeiros recém-imigrados, fugidos da maior guerra na Europa do século XX, poderiam talvez, ao transmitir entusiasticamente estas imagens, estar tentando se mostrar integrados a este país, realimentando o próprio sinal de identificação.

Bibliografia

Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild des Niemeyer-Hauses in Berlin und der brasilianischen Architektur in den deutschsprachigen Architekturzeitschriften der vierziger und fünfziger Jahre. Wien, 1999.

²⁵ Bauwelt 31/1957 in Campos, Márcio Correia. Objekt Nr. 14. Das Bild, Wien, 1999, p. 101.